



**CONEDU**  
Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014

## **A EMERGÊNCIA DE NOVAS/OUTRAS SEXUALIDADES NO CURRÍCULO DA ESCOLA: A QUE SERVEM OS DISCURSOS ESCOLARES?**

Denise da Silva Braga  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM  
denise.sbraga@yahoo.com.br

### **Introdução**

Questões como a desconstrução do modelo familiar tradicional, a ruptura dos estereótipos de gênero e a visibilidade das relações afetivas e sexuais que transgridem as fronteiras convencionais da heterossexualidade hegemônica promovem e justificam a proliferação dos discursos sobre as sexualidades na cena contemporânea e a sua inserção nos currículos escolares.

Buscando questionar *como* as sexualidades integram os currículos escolares nos contextos atuais, algumas indagações se tornam relevantes: qual(is) sexualidade(s) tem se presentificado nos discursos escolares? Como a(s) sexualidade(s) e os gêneros tem se tornado matéria no currículo da escola? Como as populações gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros – LGBT tem se percebido e se produzido no espaço-tempo da escolarização? Este trabalho coloca em pauta a emergência de novas/outras configurações de corpo, gênero e sexualidade e as suas implicações na desnaturalização dos binarismos que produzem a norma heterossexual. Com o intuito de problematizar a manutenção da ordem sexual heteronormativa, sobremaneira no espaço-tempo da escola, busco acentuar a necessidade de abordagens que incluam as sexualidades LGBT no espaço de inteligibilidade habitado pela norma heterossexual e apontar indícios de como os discursos predominantes contribuem para a manutenção da heteronormatividade e do heterossexismo.

Minhas indagações visam, destarte, evidenciar que as sexualidades devem ser debatidas num contexto mais amplo no qual a pauta não se restrinja à “aceitação” das sexualidades e gêneros não normativos, com vistas a uma (caridosa) política de tolerância. Penso que seja preciso reafirmar que as

---



sexualidades, até mesmo as mais normativas (e as formas como se expressam os desejos, os corpos, as práticas sexuais), são uma construção social e histórica e são tão relevantes na organização da vida social quanto qualquer outro dos seus aspectos constituintes (relações de raça e etnicidade, conhecimento, extrato social).

Neste texto, ancorada nas discussões teóricas propostas por Judith Butler (2001; 2003) e nas entrevistas e observações que subsidiaram a minha tese de doutoramento, procuro indagar os discursos atuais sobre a(s) sexualidade(s) que passam a circular de modo autorizado no espaço-tempo da escola e, pela via de legitimidade do discurso pedagógico, instituem, desqualificam ou invisibilizam determinados modos de vida. Os objetivos que busquei alcançar com a pesquisa podem ser descritos como: identificar e analisar as concepções sobre as sexualidades presentes nas narrativas de sujeitos LGBT, evidenciando os efeitos do discurso escolar na constituição das sexualidades desses sujeitos e as formas como eles passam a interpretar experiência da escolarização na produção de si.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Sexualidades LGBT; Currículo escolar.

## **Metodologia**

A narrativa é a escolha metodológica com a qual pretendo descrever e interrogar a experiência dos sujeitos LGBT de uma forma que torne possível perceber os sentidos que eles atribuem à experiência escolar e como essas experiências adquirem significado na produção das suas identidades.

Essa opção coaduna com os objetivos da pesquisa, com a perspectiva teórica escolhida e com os próprios sujeitos com os quais pretendo dialogar, à medida que os reconhece como autores de sua história. Isso porque o que espero alcançar não é, fundamentalmente, a verdade, a objetividade dos fatos e a sua regularidade; mas *como* e *por que* o sujeito articula os acontecimentos e (re)constrói sua experiência na narrativa, a verdade “possível” de ser construída em determinado espaço-tempo sociocultural, nas relações nas quais esse sujeito se encontra imerso.

---



**CONEDU**

Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014

Para a concretização da pesquisa, após realizar as entrevistas individuais, adotei como procedimento a análise qualitativa de informações discursivas. Para tanto, em um primeiro momento, processei a *desmontagem* das narrativas, buscando articular procedimentos da pesquisa narrativa com os da análise textual discursiva, o que implicou examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir suas unidades constituintes (MORAES, 2003) e estabelecer relações entre essas unidades. O passo seguinte tratou de reconstruir o todo e compreender como os elementos de cada trajetória foram se articulando na constituição da história narrada e dos seus entrelaçamentos com o cenário da pesquisa.

Trabalhar com narrativas das experiências escolares pode contribuir para descortinar como a escola e os conhecimentos provenientes da escolarização têm sido significados nas histórias individuais – que são, também, constituintes das histórias coletivas. A contribuição que espero trazer para a discussão das sexualidades no espaço-tempo da escola é colocar em cena sujeitos cujas experiências são sistematicamente desprezadas e silenciadas, revelar como significados são produzidos à margem dos discursos oficiais e evidenciar como repercutem nas construções identitárias individuais os discursos provenientes das experiências escolares.

## **Resultados e Discussão**

Nas sociedades ocidentais contemporâneas já não se pode evocar a repressão ao sexo - e aos discursos sobre o sexo - como causa dos muitos estranhamentos que a emergência (ou a visibilidade) de novos/outros corpos e sexualidades ainda promove no mundo social. No entanto, concomitantemente à vociferação das múltiplas possibilidades de performances de gênero e sexuais, manifestações heterossexistas e transfóbicas corroboram a perspectiva normalizante que apregoa a existência de uma sequência estável e inequívoca: sexo biológico – gênero – (hetero)sexualidade. Desse esquema naturalizado, baseado no dimorfismo sexual, se erigiu uma concepção restrita e biologizante de *o que é e como* ser homem e ser mulher e a naturalização de *uma* heterossexualidade – como consequência do ajustamento à uma condição

---



**CONEDU**

Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014

natural. Entretanto esse sistema binário no qual se funda a heterossexualidade hegemônica encontra (e revela) fissuras ante as identidades que se evidenciam e se afirmam na cena atual como possibilidades que desestabilizam os corpos, as configurações de gênero e as (hetero)sexualidades normativas.

As constatações da pesquisa revelam que, de modo geral, as questões que fomentam o discurso sobre as sexualidades na escola estão sempre respaldados no protagonismo do par homem e mulher (evidente no uso dos pronomes, figuras ilustrativas, temáticas abordadas) e, assim, a heterossexualidade permanece hegemônica no currículo escolar por meio do discurso cuja repetição produz um efeito de verdade. A homossexualidade (assim como as sexualidades que escapam à normalidade instituída) compõe o quadro das questões problemáticas, difíceis ou silenciadas no currículo escolar e sua abordagem se dá em contextos nos quais os homossexuais aparecem como vitimizados, desviantes ou em desvantagem, *invisíveis* nas relações cotidianas dos adolescentes heterossexuais (e daqueles que aprendem a omitir/mentir a sua homossexualidade). O apagamento da homossexualidade no espaço legitimado da escola acaba por manter os estudantes homossexuais alvos frequentes e preferenciais gozações e insultos fora da sala de aula (LOURO, 2001).

A partir das análises das narrativas dos sujeitos da pesquisa, percebe-se que a educação/orientação sexual na escola configura-se, predominantemente, em uma *pedagogia de produção da normalidade* (BRITZMAN, 2000) cujos efeitos produzidos nos sujeitos LGBT acentuam um sentimento de inadequação, de marginalização e de subalternização dos seus desejos e modos de vida.

## **Conclusão**

Ecoando dos discursos oficiais provenientes de diferentes campos, a escola empreende uma prática educativa em relação às sexualidades que objetiva instituir a *tolerância*, a *igualdade* e o *respeito à diversidade*. Percebo como um avanço a formalização do trabalho com o tema das sexualidades no espaço-tempo da escola e seus efeitos, tais como a inquietação e os profundos

---



debates sobre o tema hoje estabelecidos no cenário educacional. Entretanto, são evidentes os limites das abordagens, principalmente no que diz respeito a uma necessária desnaturalização das sexualidades – até mesmo das mais normativas. Embora o que se tenha no horizonte das teorizações sobre gênero e sexualidade seja uma política da diferença, os binarismos que sustentam os discursos usuais demonstram que prevalece o *status* diferenciado na forma como as sexualidades são representadas nos currículos escolares, mantendo as homossexualidades, bissexualidades, travestismos e transexualidades em categorias marginais, reiterando as discriminações negativas e desalojando-as das posições de legitimidade.

Nesse sentido, os esforços de entendimento e os questionamentos das significações produzidas pelo contato com estas narrativas devem servir para ampliar os espaços nos quais os sujeitos conquistem o direito de viver seus corpos, suas sexualidades, seus estilos de vida e reclamar contra a exclusão de sujeitos cuja própria humanidade apenas é reconhecida quando a condição humana não se encontra fechada em categorias previamente descritas e nomeadas (BUTLER, 2003).

## Referências

- BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.21, n.1, jan./jun.1996. p.71-96.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Sujeito e História).
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORAES, R. Uma tempestade de luz: compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v.9, n.2, 2003. p.191-211.
-